

Caio Marzari Nogueira

**UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DE “ALICE NO PAÍS
DAS MARAVILHAS”:**

**Um estudo sobre a queda, a angústia, a espacialidade e a
temporalidade.**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saude
Curso de Psicologia
São Paulo, 2012

Caio Marzari Nogueira

**UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA DE “ALICE NO PAÍS
DAS MARAVILHAS”:**

**Um estudo sobre a queda, a angústia, a espacialidade e a
temporalidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a graduação no curso de
Psicologia sob orientação do Prof.
João Pedro Perosa.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia
São Paulo, 2012

Agradecimentos

A minha mãe, pai e irmã por terem sido desde o início meu traço mais forte de caráter e inspiração na minha vida.

A todos os membros da Mazrari e Nogueira por sempre se interessarem e acreditarem em mim.

As minhas queridas amigas: Mariana Ottolia, Marina Sapede e Thiffany Teixeira, por estarem comigo durante toda minha graduação na PUC e por terem, cada uma a sua maneira, um pouco de Alice em si mesmas.

Ao professor João Pedro, pelas ótimas supervisões mas acima de tudo por me ensinar a sempre querer mais e melhor.

Ao professor Marcos Colpo, pelo incentivo e ajuda na escolha do meu tema.

Resumo:

O trabalho que será apresentado trata-se de uma pesquisa em fenomenologia-existencial que visa fazer uma compreensão do conto “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll. Nele daremos um olhar especial para a garota Alice e o mundo com o qual ela se relaciona. A metodologia a ser realizada consiste em uma análise hermenêutica do conto, correlacionando as estruturas ontológicas de Heidegger como queda, angústia, espacialidade, temporalidade e ser para a morte com passagens do livro. Este trabalho é uma das diversas leituras possíveis, mas que por contemplar a sua espacialidade, angústia, sua temporalidade, e a sua queda. A compreensão deste conto, não deve ser vista como ação da subjetividade de uma pessoa porque é no encontro do ser por meio da linguagem que alcançamos a hermenêutica deste conto.

Palavras chaves: Fenomenologia-hermenêutica, temporalidade, espacialidade, angústia e queda.

Sumário

1 Introdução.....	6
2 Metodologia.....	8
3 Sobre o livro.....	14
4 Análise do Conto.....	16
4.1 A queda no “buraco do coelho”.....	16
4.2 A especialidade e angústia no “O Lago de Lágrimas”.....	18
4.3 A Temporalidade em: “O Chá dos loucos”.....	21
5 Considerações finais.....	25
6 Referências.....	29

1 Introdução

O trabalho que será apresentado trata-se de uma pesquisa em fenomenologia-existencial que visa fazer uma compreensão do conto “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll o qual, apesar de ser um conto antigo, mantém a popularidade de Alice. Essa popularidade se dá tanto pelos diversos exemplares edições de seu livro ao longo dos anos, como também as diversas releituras feitas do conto a partir de filmes, desenhos e jogos. O drama de Alice se dá por ter de ultrapassar vários obstáculos e enfrentar medos e angústias para conseguir sobreviver num mundo inóspito que era tão diferente do seu. Aparentemente, as questões e desafios enfrentados por Alice não são exclusivos do país das fantasias.

A escolha do tema se deu devido ao meu interesse nas questões psicológicas presentes na obra de Lewis Carroll. Ao longo do meu aprendizado em psicologia, mais especificadamente da fenomenologia, fui percebendo como a obra de “Alice no país das maravilhas”, era dotado de conteúdos altamente análogos ao que discutia nas aulas de fenomenologia. Desta forma não foram poucas as oportunidades na qual alinhei fenomenologia e o livro nos meus trabalhos acadêmicos chegando ao ponto o ter escolhido como tema do meu trabalho de conclusão de curso, como afirma Carminholi (2011):

“Como se trata de um trabalho hermenêutico, acredito que seja interessante para a psicologia, pois o treino hermenêutico é de extrema importância para a formação e profissão do psicólogo. É inclusive através de uma hermenêutica exploratória que o psicólogo trabalha em um contexto clínico”.(p. 7)

Neste trabalho daremos um olhar espacial para a garota Alice e o mundo com o qual ela se relaciona, a partir de uma leitura fenomenológica. Essa leitura deverá ser encaminhada a partir dos pensamentos de Heidegger¹ (1889-1976),

¹ É um dos pensadores fundamentais do século XX - ao lado de Bertrand Russell, Wittgenstein, Adorno e Michel Foucault - quer pela recolocação do problema do ser e pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribui ao conhecimento da tradição filosófica

inscrito na fenomenologia Husserl², publicando no ano de 1927 a obra *Ser e tempo*. Trata-se de uma ontologia preocupada com a explicitação do sentido do ser. Questão esta, que segundo ele, foi esquecida pelo pensamento metafísico da tradição filosófica ocidental de Platão a Nietzsche.

Nessa ontologia, Heidegger (1927) desenvolve uma analítica do ser-aí (*Dasein*) que consiste num trabalho hermenêutico cuja preocupação é desvelar os modos de ser do ser-aí a partir de certos existenciais ou estruturas ontológicas como: a compreensão; a disposição afetiva, a decadência (queda), a angústia, o ser-para-a-morte, a cura (*Sorge*), a corporeidade, a temporalidade, a espacialidade, entre outros.

Como se trata de um trabalho hermenêutico, acredito ser interessante para a psicologia, pois o treino hermenêutico é de extrema importância para a conseguirmos olhar e ampliar a compreensão da condição humana e isso se dará através da linguagem, da ficção e da fantasia presente neste livro.

Nosso trabalho consistirá em observar os âmbitos da queda, da angústia, da finitude, da temporalidade e da espacialidade. Para esta análise nos apoiaremos também em outros autores que se aproximam da fenomenologia como Bérson (1939) *Matéria e memória*, mais posteriormente como Minkowski (1965) *Ser e tempo*.

Para isso iremos inicialmente dedicar um espaço deste trabalho sobre como se trabalha uma análise hermenêutica do ponto de vista existencial. Neste momento iremos retomar alguns conceitos de Heidegger e de outros teóricos alinhados aos seus conceitos. Passado este momento faremos um pequeno apanhado sobre o livro trazendo um pouco de sua história de sua repercussão diante da sociedade e do mundo acadêmico.

e cultural. Influenciou muitos outros filósofos, dentre os quais Jean-Paul Sartre.

² Edmund Husserl aluno de Franz Brentano e Carl Stumpf, Husserl influenciou entre outros os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger, e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida.

Após está apresentação inicial iremos realizar nossa análise hermenêutica do conto a partir de três capítulos do livro de Carroll (1998): (A queda em “buraco do coelho”, A espacialidade e angústia no “O Lago de Lágrimas”, e A Temporalidade em “O Chá dos loucos”.) Terminada a análise o trabalho será finalizado retomando as discussões apresentadas na metodologia e alinhadas agora com o que foi discutido na análise,

2 Metodologia:

Neste capítulo buscaremos apresentar a metodologia fenomenológica de pesquisa a partir de temas centrais ao método fenomenológico. Para uma melhor aproximação com as noções de Heidegger (1927), cabe uma investigação sobre como se dá o método de investigação fenomenológica em que o conhecimento de Husserl (1990) e posteriormente Heidegger diz que ao tomarmos a palavra fenomenologia temos que abrir a mesma duas partes: fenômeno e logos.

Desta composição compreende-se que a primeira seria como “o que de si mesmo se manifesta”, ou seja, mostra a si mesmo e por si mesmo.

Já o segundo estaria ligado a uma revelação deste si mesmo. Dartigues (2005) traz que:

“Em outros termos, o que é dito e, portanto, o que os interlocutores se comunicam não é de forma alguma tirado do seu próprio fundo mas daquilo que se fala. O que é dito, o *logos* como *discurso*, não vale senão como *revelação* ou mostra daquilo que a diz respeito o discurso.” (p. 111).

A partir deste já podemos apreender que o pesquisador, tem como função investigar o fenômeno se apresenta a ele. Critelli (2006) afirma:

“O interrogador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver. Ele é elemento constituinte desse olhar em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha” (p. 149)

Apesar disso não se pode cometer o erro de entender que este olhar, é uma forma isolada:

“Este olhar do interrogador ou interrogador, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é-no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade, em busca de seu sentido” (CRITELLI, 2006, p-149).

Neste momento, chegamos ao ponto do que o investigador busca, ou seja, esclarecer um acontecimento é buscar o sentido do ser. É nesse sentido que a obra ser e tempo de Heidegger torna-se uma base na para compreendermos essa investigação. Casanova (2009) afirma que:

“Ser e tempo é uma obra que gira em torno de uma única questão: a questão do sentido do ser. Essa questão aponta imediatamente para o projeto da ontologia fundamental, uma vez que a questão a cerca do sentido do ser é a questão a cerca da condição de possibilidade de toda e qualquer ontologia” (p.140)

Temos aqui um percurso pelo qual a compreensão do fenômeno deve ser entendida, ou seja, sabemos que o olhar do investigador segue aquilo que ele pode acessar a partir da maneira que o fenômeno se mostra, de modo a conseguir abstrair o seu sentido, sendo que isto remete a uma condição de possibilidade ser de uma estrutura ontológica, porém o que seriam essas estruturas ontológicas?

Desenvolver a pergunta que interroga pelo ser quer, assim, dizer: fazer “ver através” de um ente o que pergunta sob o ponto de vista do seu ser. O perguntar desta pergunta está enquanto modo de ser um ente, ele mesmo determinado essencialmente por aquilo que se pergunta nele pelo ser. Este ente que somos em cada caso nós mesmos e que tem entre outros traços a “possibilidade de ser” do perguntar, o designamos como o ser-aí. (HEIDEGGER, 2004, p.16 e 17)

Em sua obra, Heidegger busca explicitar primeiramente as estruturas do *Dasein*, ou seja, do ser-aí sendo as mais conhecidas, o “ser-no-mundo”, o “ser-com”, o “ser-consigo-mesmo”, a “queda” e a “espacialidade”. Em um segundo momento, Heidegger traz considerações a respeito da temporalidade como mais uma estrutura ontológica em que entraríamos em contato com o “ser-para-a-morte”, e também com a “temporalidade cotidiana”. Podemos observar, que este olhar, busca-se uma compreensão de um homem pela sua existência, como pode ser visto por Vilella (2010):

“Heidegger não analisa um ideal de homem, mas o homem tal como se apresenta no seu mais comum cotidiano. A essência do homem está expressa no seu mais corriqueiro dia-a-dia. A analítica da existência compreende um homem a partir do seu viver fático no mundo. Desta forma a ontologia da existência é uma hermenêutica da faticidade.” (p.17)

É a partir desta compreensão que realizaremos um trabalho que busque faça esta aproximação a partir daquilo que Heidegger aponta como dimensões ontológicas, e o que o conto de Alice nos mostra. Este tipo de aproximação recebe o nome de fenomenologia hermenêutica, a qual será melhor explicitada adiante. Ao longo da construção deste trabalho foram consultados materiais que utilizavam como método a fenomenologia hermenêutica, o qual também será realizada no mesmo. Sendo assim, antes de descrevermos como essa pesquisa será realizada, temos de apresentar o que seria a hermenêutica dentro da fenomenologia.

Ao tentar explicar as diversas considerações que haviam sobre a hermenêutica, Terra et.al(2009), apresenta a palavra hermenêutica vinda do grego hermeneuin que significa interpretar porém não seria uma mera interpretação de texto, ao se estender sobre sua apresentação, a autora apresenta então um outro significado à essa hermenêutica, como essa se daria na filosofia de Heidegger:

“Nesse âmbito, a hermenêutica é considerada como uma explicação fenomenológica da existência humana e não uma ciência ou regras de interpretação de textos, tampouco uma metodologia para as Geisteswissenschaften (a técnica científica³). O filósofo realiza, na hermenêutica, uma relação com as dimensões ontológicas da compreensão e, conseqüentemente com a sua fenomenologia”(p. 94)

Sendo assim, temos então que um trabalho que utilize a fenomenologia hermenêutica deve pautar-se não somente numa interpretação do que está sendo observado, mas sim relacionar a existência humana às dimensões ontológicas da fenomenologia.

³ Tradução livre do termo Geisteswissenschaften

Verifica-se que este tipo de método vem sendo utilizado ao longo de trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrados. Como por exemplo, o a pesquisa feita por Carvalho (2007), em que na sua pesquisa intitulada “Ser seu Madruga e de louco todo mundo tem um pouco” busca apresentar o contexto existencial do seriado “Turma do Chaves” olhando para os personagens e músicas dos seriados a partir do como as dimensões ontológicas se apresentavam.

No trabalho de Villela (2010), o autor realiza o encontro de duas obras no intuito de compreender a existência humana, em “O caminho da nossa vida, uma aproximação entre Ser e tempo e Divina comédia” o autor dividiu a obra em quatro pontos principais nos quais foi possível encontrar correspondências entre as obras, sendo assim apresenta “Cuidado e Caminho”, “Queda e Perdição”, “Temporalidade e Eternidade”, e “Aprovação e Salvação”.

A metodologia a ser realizada consiste em uma análise hermenêutica do conto, a partir de uma correlação dos conceitos de queda, angústia, espacialidade, temporalidade e ser-para-a-morte, na obra de Heidegger (1927), com capítulos e frases do livro de Carroll (1998).

Cabe ressaltar que a hermenêutica heideggeriana apóia-se nos seus conceitos apresentados no livro “Ser e tempo” (1927) o qual traz um olhar para a psicologia. Partindo do entendimento do ser em sua existência, ou seja, o *Dasein*. Que segundo Dartigues (2005):

“Num sentido, o *Dasein* designa o homem, na medida em que o homem é este ser singular que é para si próprio uma questão: “ o ente para o qual se trata em seu ser, de seu ser” Mas não se trata de se interessar pelo homem por si mesmo, como se o homem pudesse se encerrar em seu próprio problema, como se somente ele estivesse em questão nesse estar-em-questão que o define. Pois em seu ser, não se trata somente do seu ser, mas do Ser em geral: O homem é o ai (Da) onde o Ser(Sein) se coloca como questão”(p.113)

Ainda discutindo o *Dasein* vemos que Marcello (2009) o aponta da seguinte forma:

“Dasein carrega sua existência de modo livre e com condição de se ver na necessidade de concretizar a sua existência em meio à admissão de diversas possibilidades (Heidegger, [1927]2006). Com isso, se Dasein é existência, e existência pode ser compreendida como projetar-se para fora rumo a possibilidades indefinidas (ek-sistência), por derivação, um novo entendimento de homem ganha lugar.” (,p-1).

Para que este possa se formular, é necessário compreender que o Dasein só existe a partir da existência de uma temporalidade; pois é somente existindo que um ser é; a espacialidade que define onde o ser é, e o ser-aí como aquele que se faz no tempo, na história, uma vez que ele é finito (ser-para-a-morte).

Cabe-nos observar que Heidegger entende na sua ontologia que o modo de ser cotidiano do ser-aí se dá no modo do alguém mesmo, ou seja, ele é enredado em contextos comuns, já dados, contextos esses em que o ser-aí se move. Em meio à impropriedade o ser-aí pode vir a se encontrar, ou seja, ser-si-mesmo-próprio.

Para tanto o ser-aí deve encontrar um sentido própria para sua existência, decidir, engajar-se, ou melhor, dizendo ele deverá apropriar-se de uma escolha. O enfrentamento com sua finitude é fundamental para que o ser-aí possa existir em tempo próprio (futuro), o sentimento de angústia também é uma abertura privilegiada que pode o ser-aí diante de si e a possibilidade para o próprio. Segundo Viana, I. (2009):

O Dasein é um ser-para-a-morte. Esta é a possibilidade para a qual o ser se dirige, mas que apenas nela o indivíduo se totaliza. Todavia, a morte não é uma cessação e sim um modo de ser que o afeta enquanto existe. Não liquida com a existência humana. Trata-se de uma possibilidade incluída no projeto do indivíduo capaz de definir o seu poder-ser.(p.2)

Sob o ponto de vista metodológico faremos uma análise hermenêutica do livro em questão procurando fazer uma análise do conto que será dividida em três subtítulos: **(A queda em “ buraco do coelho”, A espacialidade e angústia no**

“O Lago de Lágrimas” e A Temporalidade em “O Chá dos Loucos”). A escolha destas quatro estruturas ontológicas de Heidegger para a análise do livro se faz pelo valor significativo que estas se mostram em Alice. Segundo Brasil (2005):

Ser-no-mundo, como assinalado pelo próprio Heidegger em Ser e Tempo, aparece como constituição ontológica fundamental do Dasein. Há uma proximidade na gênese dos conceitos de existência, Dasein e ser-no-mundo, salientando que todos têm em comum o fato de indicar, grosso modo, que o homem está situado de maneira dinâmica, especialmente no que toca ao seu poder ser (p. 8)

As obras contempladas neste trabalho são de grande riqueza e complexidade, de modo a se apresentarem como um ótimo convite para o estudo. Porém, não é objetivo neste trabalho o atentar-se para todas interpretações possíveis. Este trabalho é uma das diversas leituras possíveis, mas que por contemplar a sua espacialidade, angústia, sua temporalidade, e a sua queda tornam-se um terreno fértil para que possa desvendar novos caminhos . Com isso o trabalho a ser apresentado pretende ser um início de uma análise Heideggeriana sobre o conto de Carroll.

3. Sobre O Livro

Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, tinha como profissão um cargo de professor de matemática da faculdade de Oxford, na qual ingressou no ano de 1851. Porém sua aparição para o mundo se deu no ano de 1864, quando escreveu a obra “ Alice no país das maravilhas”.

Tal história se originou dois anos antes quando o autor fazia um passeio de barco pelo rio Tâmis, localizado no sul da Inglaterra, junto a suas duas irmãs e a sua amiga Alice Pleasance Liddell, a qual possuía dez anos na época. Rabelais (2007) afirma que neste passeio o autor contava uma história sobre uma menina que havia viajado para um mundo fantástico onde viveria diversas aventuras. Sendo assim, a pedido de sua amiga, a qual havia adorado o conto, Lewis escreve a obra.

O livro conta a história de uma menina que, enquanto ouve a irmã lendo um livro, vê um coelho branco passar correndo e o segue; entra em uma toca e cai em um buraco profundo o qual era uma passagem para o *Pais das Maravilhas*. Nesse lugar exótico, Alice vive diferentes aventuras: bebe um líquido que a faz diminuir ou aumentar de tamanho; quase se afoga em suas próprias lágrimas; conversa com bichos de toda espécie, como o gato que aparece e desaparece; toma chá com o Chapeleiro, a Lebre de março e o Rato Silvestre, um trio de animais que vivem estagnados no tempo; conhece a rainha e o Rei de Copas, que comandam um grupo de soldados que são cartas de baralho. A rainha de Copas adora mandar cortar a cabeça dos outros e, após um julgamento sobre um roubo de tortas, ordena que cortem a cabeça de Alice. Nesse momento em que luta contra as cartas de baralho, Alice acorda, pois tudo fora apenas um sonho.

Tal obra apesar de antiga refletiu-se de diversas formas em nossa cultura, como através de filmes, desenhos, gibis e até jogos de vídeo game, demonstrando a riqueza de significados existentes na obra original, permitindo não só a reedição do conto como também diversas releituras de Alice que abriam espaço para novas possibilidades.

A riqueza da obra também ficou presente no mundo acadêmico onde é possível ver uma gama de trabalhos em diversas áreas que trazem o livro como um referencial para seu desenvolvimento.

Como no caso do estudo de Brito (2010) que utiliza o conto para exemplificar a olhar crítico a respeito da sociedade Vitoriana da Inglaterra vivida pelo autor Carroll. Já na área da educação temos o trabalho de Ribeiro (2006) em que tece algumas conjeturas a respeito dos rumos da educação, apontando como elas são percebidas, empregando a figura mitológica de Narciso e a personagem Alice, do País das Maravilhas e dos Espelhos, para, numa alegoria metafórica, questionar algumas teorias que têm norteado os caminhos da educação.

Até mesmo na psicologia encontramos o livro como uma fonte de conhecimento como no caso de Oliveira (2009) que discute as histórias de Alice como uma experiência cultural facilitadora do desenvolvimento infantil e suas ressonâncias através do próprio processo em sala de aula. Já Silveira e Castro (2011) trazem a escuta clínicas e do enlace com as histórias de Alice no País das Maravilhas e Alice através do Espelho, narrando paralelamente seu crescimento enquanto terapeutas e o de seu paciente que passa da infância à adolescência durante o tempo de atendimento.

Sendo assim podemos ver que o conto se mostra como possibilidade de uma investigação rica em elementos para o olhar da fenomenologia de Heidegger, sendo que para isso será necessário compreender com maior profundidade os seus entrelaçamentos com temas como queda, angústia, queda, temporalidade e da espacialidade.

4. Análise Do Conto

4.1 A queda no “buraco do coelho”:

“Meu Deus! Meu Deus! Como tudo é esquisito hoje. E ontem era tudo exatamente como de costume! Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando eu levantei hoje de manhã? Eu estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: Quem é que eu sou? Ah, essa é a grande charada.” (CARROLL, 1998 p. 12)

Ao iniciarmos a história de Alice, notamos que ela entra em um mundo novo após perseguir um coelho o qual se esconde em um buraco e ao adentrar nele Alice cai em um mundo novo. Como afirma Gurfinkel (2002):

Trata-se de uma queda em um tempo desconhecido e em “país das maravilhas”. “pela toca do coelho”, título cap 1 de Alice no País das Maravilhas já indica que se trata de uma passagem (p. 49)

Dentro do conto o momento em que Alice entra no toca do coelho marca um momento de transição onde Alice sai do mundo em que vive todos os dias e entra no País das Maravilhas, onde por diversas vezes não somente depara-se consigo mesma. Esta passagem pode ser entendida por Heidegger a partir de Rehfeld (1998):

“a angústia é um fenômeno que raramente ocorre pelo fato do homem cotidiano “constantemente fugir de si mesmo, de sua angústia. Decadência (Verfallen) é a forma como Heidegger denomina essa fuga de si mesmo. Fala desse modo de ser homem já quando se interroga sobre quem é propriamente o sujeito do cotidiano ser-homem. Este homem de todos os dias é o “agente”, não o eu, não o eu mesmo.”(p.3)

Podemos dizer que é neste momento em que Alice se questiona quem era ela, uma vez que não se reconhecia se mais, que estamos por defrontar um importante conceito de Heidegger chamado de queda. Queda seria contato com a falta de sentido, o contato com a sua impropriedade em que a personagem estranha a si mesma, cresce demasiadamente, diminui de tamanho após tomar

uma poção, ou então dificulta-se ao tentar lembrar de versos de poesias que anteriormente sabia de cor. “Esses são momentos decisivos em que a angústia coloca o Dasein face a face com a terrível liberdade de ser ou não ser de permanecer na inautenticidade ou lutar pela autopossessão”. (HEIDEGGER apud STEINER; 1982. P. 82). Tais fatores põem em cheque a situação de Alice, afinal se ela não consegue como era ela antes, quem seria neste momento?

Dentro deste enquadre no qual o ser se encontra com a sua inautenticidade, não podemos dizer esta angústia não possibilita algo de positivo na vida deste ser. Na realidade o momento de enfrentamento de sua inautenticidade possibilita ao ser o encontro com o novo, estando livre para se conhecer novamente. Estar aberta ao novo, ao desconhecido de si mesma. Heidegger afirma que a queda é imprescindível para que o Dasein. É como vemos em Rosado (2010):

“Para Heidegger, o “estar-no-mundo” é sempre um estar caído (um ter caído) pois, no fim de contas, “estar-no-mundo” é ter sido retirado do mundo, e este ser retirado é como uma queda, um esquecimento de si”
(pag. 1)

Com isso podemos entender que o Dasein só ocorre a partir desta inautenticidade é ou seja, que o Dasein tome consciência de sua perda do eu e a partir daí esforce-se para retornar a sua autenticidade, abrindo o Dasein vazio para a vertigem, possibilitando-a ir além de si mesmo.

4.2: A especialidade e angústia no “O Lago de Lágrimas”

“Como resultado de comer o bolo, Alice cresce até atingir 9 metros de altura. Triste por não conseguir entrar no jardim, chora tanto que cria um lago de lágrimas. O Coelho Branco atravessa o átrio e ao ver Alice tão grande, deixou cair as luvas brancas e o leque que trazia enquanto fugia rapidamente. Alice apanhou-os do chão, e como estava calor, não parou de refrescar-se com o leque que, sem se aperceber de imediato, reduziu-lhe a altura; mas felizmente ela parou de o abanar antes do seu desaparecimento total. Entretanto escorregou e mergulhou até ao pescoço no lago de lágrimas que ela própria criou. Aí encontra o Rato que acaba por a ajudar a atravessar o lago. Na costa, encontra uma grande quantidade de aves e outros animais; todos molhados tentam assim arranjar uma solução para secarem o pêlo e as penas, preocupados com as doenças que poderiam apanhar se continuassem encharcados.” (CARROLL, 1998 p 28)

Deparar-se com a dimensão espaço e tempo na qual vivemos emerge um importante discussão teórica, uma vez que não temos uma única vertente para a mesma. Na ciência moderna, deparamo-nos com o conceito Newtoniano, o qual parte de um pressuposto absoluto o qual deviríamos entender espaço e tempo como uma instância contínua a qual existe independente de um indivíduo ou não.

Cabe dizer aqui que reconhecemos a existência desta perspectiva e sua importância, porém utilizaremos outros teóricos para compreendermos a existência temporal e espacial do conto. Para isso vamos nos concentrar primeiramente no conceito de espaço.

Nos estudos de Merleau-Ponty, notamos a existência de uma dinâmica diferenciada para a compreensão de espacialidade. Nela atentamos para uma perspectiva que entende a existência de um mundo material, no qual o espaço está inserido, mas devemos atentar também para como a existência deste espaço está centrada no indivíduo, ou seja, o espaço existindo em nós mesmos, dando assim uma perspectiva subjetiva ao tema. Ao interpretar Merleau-Ponty, Matthews (2010) afirma:

“Essa distinção entre corpo vivido de nossa experiência e o corpo objetivo da ciência não é cartesiana, dualista: não são dois corpos ou duas coisas separadas, mas o mesmo corpo descrito a partir de dois pontos de vista diferentes” (p.71)

Ao observarmos as mudanças corporais vividas por Alice podemos notar que todas estas são vivenciadas com muita angústia pela personagem em que todas essas mudanças lhe trazem dificuldades seja por ela perder a chave que havia deixado na mesa na queda no buraco do coelho ou então ao criar um rio de lágrimas ao aumentar de tamanho.

É interessante notar como esta espacialidade que aparece inicialmente distinta do ser de Alice se torna parte dela ao longo do conto. Tal idéia nos remete a um entendimento de que o corpo relaciona-se com o espaço como se fosse uma interação, porém ao tomarmos o conceito de Merleau-Ponty sobre espacialidade temos uma importante quebra a qual irá nos auxiliar no entendimento do que são estas transformações no conto.

Ao falar sobre espacialidade Mathews (2010) afirma que, Merleau-Ponty traz a idéia de que nosso corpo não está no espaço mas sim que é o espaço. Ou seja, tudo o que se passa em uma dinâmica espacial, não refere-se ao mundo a fora, mas sim ao estar engajado neste mundo. No conto de Alice podemos notar que sua espacialidade é afetada em diversos momentos, como quando a mesma cresce ou diminui ao comer o bolo ou então por beber um líquido misterioso, os quais ajudam ou atrapalham a sua vida.

Ao diminuir de tamanho, Alice não consegue mais pegar a chave que estava em cima da mesa, e por isso não consegue mais passar pela porta. Ao beber o líquido, volta a ficar grande, e desta vez, não passa pela porta, porque ficou demasiadamente grande para sair daquela casa. Frustrada por tal situação Alice chora, por estar imersa num mundo que a impede que a frustra. Segundo Da Cunha (2009):

Nós só podemos apreender o fenômeno tal como ele aparece para as nossas sensações, daí que o real seja sempre “para-si”, constituído juntamente com a corporeidade (p. 2)

Tal situação remete ao entendimento de que a espacialidade do *Dasein*, só pode ser compreendida a partir do seu modo de ser: o modo de ser do *Dasein* é o ser-no-mundo sendo assim, devemos pensar o que esse aumento ou diminuição de tamanho representam no ser de Alice. Nota-se que todas as suas mudanças remetem ao enfretamento de problemas e que neles suas atitudes são sempre fracassadas. O que nos remete novamente ao contato com a sua angústia.

4.3 A Temporalidade em: “O Chá dos loucos”

“Alice suspirou entediada. “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo”, disse, “do que gastá-lo com adivinhações que não tem resposta.”“ Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu, falaria dele com mais respeito..... “Atrevo-me a dizer que você nunca conversou com o Tempo”. “Talvez não” Alice respondeu cautelosa mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música ”

Quando na nossa vida cotidiana falamos de tempo, estamos sempre propensos a olharmos para nosso relógio ou então procurar um dia dentro do calendário como se tudo que se refere ao tempo tivesse uma medida tendo assim um ponto fixo que nos posicionaria quanto aos dias meses e anos no qual estamos presos. Esta constituição de tempo foi por muitos anos a base pela qual a ciência progrediu direcionou o homem para diversas descobertas, porém ao notarmos a resposta do chapeleiro para Alice ao dizer que a mesma não conhecia o “Tempo” investigaremos o mesmo a partir de uma nova ótica.

A concepção de temporalidade, não reside somente na teoria de Heidegger, autores como Bérgrson (1929) e Minkowski (1965) também trouxeram em suas teorias um olhar diferenciado ao tempo, fugindo da relação tempo-espaço.

Bérgrson, foi um dos primeiros teóricos a apontar a possibilidade de um “tempo vivido” segundo Costa e Medeiros:

“A filosofia de Henry Bérgrson (1859-1941), por sua vez, foi fruto de sua formação intelectual em uma época em que predominavam as teses materialistas, evolucionistas e deterministas”. (p 377).

Em uma de suas obras Bérgrson (1999) afirma que o tempo parece existir apenas na consciência, na qual passado e futuro são presentes pela memória ou pela expectativa. O presente é, pois, simultaneamente, sensação e movimento, e nesse sentido, o presente seria “sensório-motor” ou seja, uma simultaneidade entre as manifestações do passado e as expectativas futuras. Essa compreensão

sobre o tempo, traz em si um conteúdo individual, no qual o tempo não seria algo pensado mas sim vivido como afirma em Memória e vida (2006):

Se eu quiser preparar-me um copo de água com açúcar, por mais que faça, terei que esperar que o açúcar derreta. Esse pequeno fato é rico em ensinamentos. Pois o tempo que tenho de esperar não é mais o tempo matemático que continua podendo ser aplicado ao longo da história inteira do mundo material, mesmo que esta se esparramasse de golpe no espaço. Ele coincide com minha impaciência, ou seja, com certa porção de minha duração própria, que não pode ser prolongada ou encurtada à vontade. Não é algo mais pensado, mas algo vivido. (p.6)

Apoiado em tal construto que Minkovski irá direcionar suas reflexões a cerca do tempo:

... como mostrou claramente Bérqson, o tempo já é concebido como linha reta e assimilado assim ao espaço. Tudo o que é movimento e progressão, tudo o que é tempo real já é de início excluído dessa concepção verdadeiro dinamismo, enquanto conjunto de fatores que se relacionam à duração vivida (Minkowski, 2004, p.142)

Em sua obra “O tempo vivido” (1965) Minkowski nos apresenta o termo devenir para referindo se ao tempo como uma “massa fluida” se deslocando de uma forma misteriosa e potente para frente. Segundo Costa e Medeiros (2009), Minkovski afirma que o tempo:

...é uma experiência primária e vital, que de tão próxima, não consegue ser exaurida pelo conhecimento, pelos sentimentos ou pela vontade, e que se encontra na existência de duas formas: como “tempo assimilado ao espaço” e como “tempo qualidade ou tempo vivido”. O primeiro refere-se ao tempo do “tic-tac” do relógio, do calendário, mensurável em dias, meses e anos, medido por leis naturais de duração, sucessão e continuidade. A segunda forma pela qual o devenir se

encontra na existência humana refere-se ao tempo-qualidade ou tempo vivido” (p. 377).

Sendo assim a concepção de tempo vivido, não se trata mais de uma dimensão mensurável, mas sim de uma introspecção qualitativa, dada a vivência de uma pessoa à determinada situação. Ou seja, dois fenômenos com o mesmo tempo cronológico, podem ser vivenciados de maneiras diferentes, sendo um mais longo do que o outro. Neles, presente passado e futuro, convergem-se, de modo que o passado estaria representado pela memória e o futuro seria o eixo pelo qual o sujeito dirige suas intenções.

É a partir deste contexto de tempo vivido, que utilizaremos o conto de Alice,. Em determinado momento , Alice se encontra com três senhores, sentados em uma mesa de chá, com muitos lugares. Ao conversar sobre o tempo com ele, o chapeleiro lhe confessa que o mesmo se recusa a fazer o que lhe pede, pois são sempre seis horas, e nunca há tempo para lavar a louça. Nesta situação, vemos que o chapeleiro insere o tempo vivido dentro da cronologia de sua vida. Ou seja, sua vida esta tão repetitiva e imóvel, que para ele era como se o horário do chá, seis da tarde, uma enorme espera. Dentro desta percepção podemos retomar o que Minkowski entendia por espera sendo para ele:

“A espera está sempre ligada à ansiedade intensa, é sempre uma espera ansiosa. Isto, por outro lado, não há nada surpreendente, uma vez que é uma suspensão da atividade é ou a própria vida. Às vezes, por nenhuma razão aparente, a imagem da morte surge em nós, com todo o seu poder destrutivo, aproximando a passos largos, terror, angústia nos oprime, impotente, à espera da aniquilação fatal e iminente a que estamos condenados sem misericórdia . Um perigo tão que o esperamos congelados de terror. Isto ilustra muito bem a espera”.(Minkowski, 2004, p.84-85).

A leitura desta situação pode também ser vista a partir do ponto de vista de Heidegger que divide a temporalidade em vigor do Ter Sido, o Instante e o Porvir. Ou seja, aquilo foi o que está sendo e o que será. Nela os membros presentes em o chá dos loucos vivem presos no instante deixando a existência do

porvir como impossível, uma vez visto que se irritam ao ouvir a pergunta de Alice sobre o que fariam quando todos os copos estivessem sujos. O não vivenciar do porvir leva tais personagens evitarem a possibilidade de ser, sendo obrigados a sempre serem os mesmos.

5 Considerações Finais

O livro “Alice no país das maravilhas” narra a história de Alice, uma garota que cercada por uma sociedade arcaica que não permitia a discussões de valores ou críticas ao seu modelo padrão, obriga a garota é discutir-se consigo mesma. Uma sociedade obriga a sair deste mundo e emergir em um novo , onde surgem novas possibilidades inteiramente novas e desconhecidas de ser aí. Um lugar em que nada do que Alice sabe ou sabia era efetivamente coerente com sua situação. Como afirma a autora Brito (2010) :

“Essa atitude de Alice, na realidade, é uma transgressão em relação ao que se esperava do comportamento infantil da época, bem como em relação aos modelos infantis que apareciam na literatura vitoriana, principalmente na pedagógica.” (p.5).

Alice torna-se o foco de uma análise fenomenológica desde o momento em que sua inicia-se a partir de sua curiosidade em seguir um coelho ao longo do campo onde estava para conseqüentemente cair em um buraco que aparenta não ter fim, somente para investigar, criticar, avaliar o que estava ocorrendo naquele momento.

Este seu cair é simbolicamente claro para entendermos como a nossa queda ocorre e como a mesma se mostra angustiante e sofrida no início, mas que tem por finalidade esclarecer que acima de tudo existe uma nova possibilidade ser. Alice questiona-se o tempo todo neste novo mundo o porquê não era a mesma pessoa que era antes, o porquê tudo estava tão estranho e acima de tudo que sensação era esta de estar olhando para si mesma como se olhasse uma luneta e por fim deparando-se com o seu nada. Dentro disso Rehfeld (1988)

“Ao nos indagarmos pelo que é o nada, imediatamente nos deparamos com algo insólito. Esta interrogação já pressupõe que o nada é, assim como um ente. Mas justamente é dele que se distingue absolutamente.” (p.8)

É ainda nesta dúvida e confusão que Alice enfrenta suas angústias e medo ao se deparar com o seu novo ser-aí. Ainda no conto Alice fica por horas presa em uma casa uma hora por que é grande demais para sair pela pequena porta que a

levava para fora da casa. Desse modo a personagem toma uma poção e consegue enfim diminuir, quando finalmente diminui, Alice percebe que esqueceu a chave em cima de uma mesa que agora era alta demais para ser alcançada.

Após comer um pedaço de torta, Alice começa a crescer demasiadamente, de modo a ficar grade demais para a própria casa e não conseguir se movimentar, fazendo a chorar, de modo a criar um rio de lágrimas que quando diminui novamente, a impede de atravessar para o outro lado do córrego. Alice cresce e diminui no mundo das maravilhas e este crescer não só a impede muitas vezes de conseguir o que quer como também muitas vezes só ocorre justamente pelo sua angústia de enfrentar novos desafios.

Como já havíamos visto, estas mudanças marcam claramente o nosso entendimento de espacialidade uma vez que percebemos que as mudanças não vêm de fora para dentro e sim no contexto. Ou seja, quando lembramos que a Alice passa por uma fase de mudanças, de críticas e de enfrentamentos, vemos que seu corpo também reflete esta mudança de maneira assídua. É aqui que podemos pontuar *Dasein* como sendo aquele que aparece pelas sensações, vemos que a personagem passa a conto todo investigando este ser-ai, ente ser inserida, que anteriormente ao país das maravilhas era uma forma única de ser e que estava condenado a seguir o molde da sociedade Vitoriana a qual Alice vivia. É somente no País das Maravilhas que Alice consegue enfim se distanciar desta forma de ser, mesmo tendo de ser da maneira mais angustiante possível, mesmo que sua corporeidade não seja mas aquela que ela antes tinha, mas que agora era uma nova, uma a qual a permitiria novas possibilidades, como afirma Rehfeld (1988):

“Mas só chegará ao ser-em-geral se a reflexão sobre o ser do homem adquirir uma visão do homem em sua totalidade. “A estrutura ontológica do ‘Dasein’ é inerente à compreensão do ser. Em sendo, o ‘Dasein’ é aberto para si mesmo em seu ser. O encontrar-se e o compreender constituem a forma de ser deste estado de abertura.” (pag. 2-3)

Como vimos então temos em Alice, uma garota diferente das crianças da sua idade vivendo em um mundo limitador e direcionador, que por si só a impede

de alcançar o seu Dasein. Vimos também que Alice enfrenta esta situação ao emergir no mundo das *Maravilhas*, mas que neste momento depara-se com diversas dificuldades nunca vistas antes, a fazendo perguntar se realmente quem era ela e porque estava tão mudada de um dia para o outro. Mesmo assim Alice não deixa de explorar o País das Maravilhas e não deixa de buscar o seu caminho. Aqui podemos lembrar a questão existencial da temporalidade.

Como visto no capítulo anterior, olhar para o tempo na fenomenologia é sempre olha em direção a algo. Enquanto vemos que os personagens do chá vivem presos na angustia de estarem nesta condição, temos a personagem como um ponto crítico a este momento, elaborando e tentando redimensionar este espaço temporal, perguntando o eu os membros da mesa faziam depois do chá, por que eles não limpavam as xícaras, e acima de tudo, o que faziam quando tinham de tomar seu chá em uma xícara suja. O medo e o silêncio dos personagens refletem a angustia e passividade do ser ao longo da espera.

Alice, por sua vez, não se mostra passiva ao tempo, a personagem mostra ao longo do conto sempre a posição de dirigir-se a frente, a buscar uma nova possibilidade, e nos momentos em que a temporalidade é sentida como angustiante, como no caso do “chá dos loucos”, a personagem briga pela saída, pela possibilidade de um novo ser. Costa (2006) relata que o tempo, embora seja a garantia da impermanência do ser no mundo, é também condição de sua existência, diante da qual somos todos responsáveis.

Por fim, ao revisarmos toda a análise contida neste trabalho, vemos o espaço de possibilidades e abertura existentes no conto de “Alice no País das Maravilhas”. Através de uma análise hermenêutica do conto, pudemos nos aprofundar em conceitos de Heidegger, Merleau-Ponty, Bergson, Minkovski como uma forma de trazer o conhecimento existencial para mais próximo de nós. A partir da metáfora do livro podemos não só acompanhar este raciocínio abrindo espaço para a continuidade desta análise, como também apresentar um ponto de vista oposto, mostrando que a análise pode ser vista de outra forma. A compreensão deste conto, não deve ser vista como ação da subjetividade de uma

pessoa porque é no encontro do ser por meio da linguagem que alcançamos a hermenêutica deste conto.

6 REFERENCIAS:

BERGSON, H. (1999). **Matéria e memória**. 2ª ed. (P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1939).

BRASIL, L. F. A **Espacialidade do Dasein**: Um Estudo sobre o § 24 de Ser e Tempo. PUC-RGS. Porto Alegre. 2005

BRITO, B. "**Alice no País das Maravilhas: Uma crítica à Inglaterra Vitoriana**". Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/BrunaBrito.pdf

Acesso em: 14 dez 2010.

CARMINHOLI, C., C. "**O renascimento de raskólnikov: desvelamento de sentidos em uma análise fenomenológica**" trabalho de conclusão de curso, Psicologia, PUC-SP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia, São Paulo, 2011

CARROWL, L. **Alice no país das Maravilhas**. L&PM POCKET Editores, vol.142 Porto Alegre, 1998.

CARVALHO, R. O. "**De seu Madruga e de louco todo mundo tem um pouco**" Ensaio fenomenológico existencial a cerca da popularidade de seriado 'Chaves' Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

CASANOVA, M, A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

COSTA, Virginia E. Suassuna Martins and MEDEIROS, Marcelo. **O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de eugène minkowski**. *Psicol. estud.* [online]. vol.14, n.2, pp. 375-383. ISSN 1413-7372. 2009

CRITELLI, D, M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo, Brasiliense, 2006.

CUNHA, M.H.L. **Corpo e potência no pensamento de Merleau-Ponty**. Reflexão (PUCCAMP), v. 34, p.45-51, 2009

DARTIGUES, A. "**O que é a fenomenologia**" tradução de Maria José J.G. de Almeida.- São Paulo : Centauro, 2005.

GURFINKEL, D. **Sono e Sonho: Dupla face do psicossoma**. *Psyché* vol VI, n 10 Universidade, São Marcos ,São Paulo Brasil pp. 39-63, 200

HEIDEGGER, M. **El ser y El tiempo**. Tradução de José Gaos. México: Fondo de Cultura Econômica, 2004

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

MARCELLO, C.G; **Daseinsanalyse psicológica**: surgimento e método, Contatos: fenomenologia, existência e daseinsanalyse, 04 Agosto 2009 in:

<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/print.php?articleID=569>

MATHEWS E "**Compreende Merleau-Ponty**", São Paulo, 2010

MINKOWSKI I, E. (1965). **Il tempo vissuto**. Roma: Einaude.

MINKOWSKI, I, E. . **A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia**. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 2004 ,Vol 7 (2), 130-146.

OLIVEIRA, Marcia Laguna de. **As aventuras de Alice no país das maravilhas e na Emia: Winnicott e a educação**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07122009-160601/>>. Acesso em: 2012-05-20.

RABELAIS, R. **Resumo de Livro IV Alice no País das Maravilhas**.2007. in: <http://pt.shvoong.com/books/children-and-youth/1654332-alice-pa%C3%ADs-das-maravilhas/>. Acesso em: 10 abr 2011.

REHFELD, Ari. “À Angústia” Edição revisada de capítulo publicado em DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda (org.) *Vida e Morte: Ensaios Fenomenológicos*. São Paulo: Editora C.I., 1988.

RIBEIRO O, M. **E se Narciso conhecesse Alice? Conjecturas a respeito de um tema da educação**. *Rev Bras Est Pedag*. 2006 disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/47>

ROSADO, S. “**Drama Intímo**” 2010 Disponível em ["http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=print&link_id=771&tmpl=component&Itemid=2"](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=print&link_id=771&tmpl=component&Itemid=2) Acesso em 05 mar 2011.

SILVEIRA, Marília; CASTRO, Rosana Cecchini de. **Aventuras de Alice no país da clínica**.Barbaroi, Santa Cruz do Sul, n. 35, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2012.

TERRA MG, GONÇALVES LHT, SANTOS EKA, ERDMANN AL. **Fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur como referencial metodológico numa pesquisa de ensino em enfermagem**. Acta Paul Enferm. 2009

VIANA, I; **Existencialismo - Martin Heidegger** ;20 de janeiro de 2009 in: <http://artigos.psicologado.com/abordagens/humanismo/existencialismo-martin-heidegger>

VILLELA, F, S, L. “**O caminho da nossas vidas, uma aproximação entre Ser e tempo e Divina comédia**”.São Paulo 2010 .Mestrado em Filosófica, Pontifícia Universtitária Católica, São Paulo, 2010